

O Canto de Abya Yala

Por Fábio Martinelli Casemiro

A literatura, segundo o teórico Antonio Candido é “o sonho acordado das civilizações”. Essa bonita definição nos mostra a real importância de que todos possamos ter direito à literatura: esse sonho acordado nos ajuda na construção do real, porque permite que reelaborem nossas ações, nossos anseios, nossos sofrimentos físicos, psíquicos, éticos e sociais. Essa é a questão, a superação de profundos processos de sofrimento e a importância do sonho coletivo para a construção de um país definitivamente democrático: eis o que aprendemos com a presença de Julie Dorrico (Macuxi) no webnário *Literatura indígena: a produção autoral contemporânea e seus ensinamentos*.

Julie Dorrico, escritora indígena Macuxi e doutora em teoria literária pela PUCRS, nos mostra que esse direito à literatura foi, durante muito tempo, negado aos povos indígenas do Brasil. Somente a partir da década de 1990 a publicação de obras por autoras ou autores individuais foi reconhecida como um direito das pessoas indígenas. A literatura dos povos indígenas não nasceu em 1990, contudo. O sonho acordado do qual nos falou Candido sempre constituiu a cultura dos povos originários: suas danças, suas lendas, suas músicas e suas muitas línguas sempre carregaram a vivacidade dessas diferentes etnias. Como a autoria era um direito negado aos povos indígenas, essa sua força não nos chegava em livro, não recebia o tratamento editorial que permitia a fácil circulação de suas ideias e de seus sonhos em nosso sistema literário. A publicação da literatura indígena desde 1990 é importante conquista para a cultura de um país que almeja reconhecer a diversidade étnico-racial e cultural de sua população.

A literatura dos povos indígenas define suas culturas, mostra não apenas a beleza de seus ritos e lendas, elas nos proporcionam que conheçamos suas cosmovisões: os muitos povos indígenas da América expressam em suas obras literárias suas perspectivas de mundo, seus muitos modos de se relacionar com a vida, com o outro e, principalmente com os seres de natureza. Essa “filiação à terra” nas palavras da própria Julie Dorrico é, certamente, um dos pontos de união dentre os muitos distintos



povos que habitam a totalidade do território brasileiro. Trata-se de uma interação profunda entre seres humanos e seres de natureza, ou seja, a consciência de que os seres vivos são sencientes e que há uma continuidade (e não descontinuidade) entre seres humanos e demais seres vivos (gosto de pensar que essa ciência, que essa sofisticada tecnologia indígena encontra fértil ressonância nos conceitos de “perspectivismo e multinaturalismo” propostos pelo antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro, em seus estudos sobre o povo Araweté da Amazônia). Se a vida, para os indígenas, se mostra toda alicerçada em circularidades, do mesmo modo como futuro, presente e passado se fundem numa temporalidade única; se vida e morte são momentos distintos de uma mesma circularidade vital, do mesmo modo a vida circula entre seres humanos e demais bichos e plantas: a terra alimenta os seres vivos e estes seres alimentam a terra. Esse sentido da terra determina o sentido da vida dos povos de *Abya Yala* (palavra proveniente do povo Kuna e que, hoje, o movimento indígena se utiliza para dar nome àquilo que nós ocidentais comumente chamamos de “América”).

Mas esse sonho acordado dos povos deve, principalmente, irromper contra seus pesadelos: no Brasil da atualidade, o lirismo se veste também de luta política e a beleza da visão integradora entre humanos e natureza se volta para o embate em nome da vida, pelo direito à voz tão arduamente conquistado, em nome de seus ancestrais e de todos os parentes que lutaram bravamente para que seus muitos povos chegassem até aqui. Essa literatura que se apresenta como canto de integração é também canto de luta contra os desmandos do agronegócio que quer destruir os direitos da terra dos povos originários, uma vez que a manutenção das reservas indígenas demarcadas garante a preservação dos biomas naturais, garante a manutenção da biodiversidade e – comprovadamente sabemos pelos estudos acadêmicos no Brasil e no mundo –, que os indígenas são os maiores protetores da fauna e da flora brasileira: já se tornaram famosas as imagens de satélites que mostram como as fronteiras das terras indígenas se tornam verdadeiras muralhas verdes diante das máquinas e dos incêndios criminosos de grileiros e de madeireiros que predatoriamente atacam nossas florestas.

Essa literatura então emerge de seu passado de interdições e de silenciamentos a ela impostos e se ergue em poderosos cantos contra a devastação ambiental proporcionada por madeireiros, grileiros, garimpeiros e grandes senhores do agronegócio, todos muito bem amparados pela voz pusilânime de setores vendidos da grande mídia e por canetas, gravatas e colarinhos genocidas que têm sua cadeira cativa nos salões politiqueiros do congresso nacional e do governo federal.



Defender a natureza, sua filiação à terra... o papel dessa literatura transborda enfim das páginas de papel e das páginas das redes sociais da internet e aquece os corações, os punhos e rostos pintados de jenipapo e de urucum nas ruas de Brasília e nas demais grandes cidades de todo o país... Todos de punhos em riste, homens, mulheres, jovens, velhos em todas as suas etnias e gêneros múltiplos contra a aprovação criminosa do PL 490/2007 que busca delimitar o ano de 1988 como marco temporal para o reconhecimento e para a demarcação de terras indígenas no Brasil. O PL 490 é o braço necropolítico do agronegócio que quer apoderar-se de Abya Yala, envenenar suas filhas e filhos, lotear sua carne para atizar a sanha capitalista do agronegócio, os novos representantes da contínua colonização brasileira.

Mais do que a justa luta pela representatividade, a literatura indígena fala por todos nós brasileiros porque diz sobre quem fomos e aponta para quem devemos ser (como quem une a ancestralidade do passado ao sonho do futuro num ciclo de vida que supera a morte): uma nação solidária, capaz de efetivamente proporcionar dignidade e felicidade à todas as pessoas do Brasil. Essas pessoas são muitas, são muitos povos, etnias, raças, crenças, gêneros e culturas... A literatura indígena é o presente de Abya Yala para todos nós. Lutar pela voz e força indígena é lutar por um futuro solidário e próspero para o povo de um país de muitos povos e que têm a coragem de se levantar contra as injustiças sociais... Sempre prontos para construir um destino sólido porque múltiplo.

Isso é o que eu, Fábio, venho aprendendo com os ensinamentos de autoras e de autores da literatura indígena. Isso é o que aprendemos no nosso webnário, no encontro com a escritora macuxi, Julie Dorrico.

Convido todas e todos a ouvirmos a voz dos indígenas, sua literatura, o canto de Abya Yala.

